

SOFT POWER: O JOGO DE ATRACÇÃO CULTURAL E AS VANTAGENS DA COOPERAÇÃO

Luís Lobo-Fernandes

Estas três obras constituem uma trilogia na qual Joseph S. Nye desenvolve amplamente a noção de *soft power* (por contraposição a *hard power*) que tinha proposto originariamente no livro *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*, publicado em 1990, onde articulou uma perspectiva alternativa à conhecida tese do declínio dos EUA de Paul Kennedy. Naquele trabalho, o autor refutava quaisquer «leis de ferro» da história – aparentes na retórica «declinista» – e apontava já então para uma concepção mais complexa do poder nas relações internacionais. Nye não propõe apenas uma «transformação do poder», mas também uma clarificação das fontes do poder, para uma melhor avaliação das novas dinâmicas internacionais. Nye divide o poder em três categorias gerais: para atingir objectivos um Estado pode 1) «coagir com ameaças», 2) «aliciar com pagamentos», ou, ao invés, 3) «atrair e cooptar» (*co-optive behavioral power*). Esta tipologia do poder é multidimensional, na linha do arquétipo proposto na importante obra de E. H. Carr. Ora, segundo o autor, a era da informação cibernética expandiu significativamente a

eficácia da terceira categoria de poder.

Para Nye, o conceito de *soft power* – que elabora no prefácio do livro *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (2004) – é definido fundamentalmente como uma capacidade persuasiva de poder, ou seja, a capacidade de um Estado obter algo através de um efeito de atracção e não por coerção ou pagamento, e assenta fundamentalmente no potencial atractivo da universalidade da cultura de um país, dos valores políticos, e das suas políticas. Este poder tem, assim, uma lógica indirecta. Em contextos de interdependência complexa os estados deverão em consequência considerar critérios mais alargados nos próprios conceitos de segurança e defesa. Naturalmente que Nye tem em mente os Estados Unidos e o que considera ser a necessidade de manter

JOSEPH S. NYE, JR.

Soft Power: the Means to Success in World Politics

Nova York, Public Affairs, 2004, 208 páginas

JOSEPH S. NYE, JR.

Power in the Global Information Age: From Realism to Globalization

Londres, Routledge, 2004, 232 páginas

JOSEPH S. NYE, JR.

O Paradoxo do Poder Americano: Por Que é Que a Única Superpotência Mundial Não Pode Actuar Isoladamente?

[trad. Tiago Araújo]
Lisboa, Gradiva, 2005, 248 páginas

uma grande influência internacional. O sucesso dos Estados Unidos medir-se-ia sobretudo pela capacidade de *power conversion*, ou seja, na capacidade para converter o poder potencial medido em recursos brutos em «poder realizado» medido pela mudança de comportamento de terceiros. Segundo o autor, *soft power* é um «verdadeiro poder» traduzido na capacidade em realizar objectivos mais duradouros. As ilustrações históricas mais interessantes estão patentes nos ideais políticos difundidos pela Radio Free Europe durante a Guerra Fria, na televisão por satélite que evidenciou de forma única o apoio da América aos processos de transição democrática na Europa de Leste, ou nas grandes empresas e marcas ianques, no cinema, na música, na Internet, na proeminência das universidades norte-americanas, entre outros atributos. A «sedução» dos valores da liberdade, dos direitos humanos, e das oportunidades individuais, diz, «é sempre mais eficaz do que a coacção». A preocupação de Nye tem pois a ver com a (re)definição dos interesses nacionais dos Estados Unidos numa fase em que a nação americana é a única superpotência. Neste sentido, Nye defende que a liderança do governo dos Estados Unidos deve reorientar as suas escolhas para galvanizar o apoio da comunidade internacional numa lógica acentuadamente cooperativa. Aliás, desde o início da transição pós-Guerra Fria que os Estados Unidos enquanto superpotência democrática – ao contrário dos impérios clássicos – se confrontam com a necessidade de evitar excessos de arrogância precisamente por causa do enorme diferencial de poder que detêm.

Nye considera que o *hard power* definido pela combinação de capacidade militar e capacidade económica são essenciais, mas argumenta que tais meios não garantem o êxito em política internacional e, por vezes, minam em vez de potenciar as metas que se pretendem atingir. Sublinha mesmo que apesar da concentração de poder detido hoje pelos Estados Unidos – sem paralelo aparente na história – tal é insuficiente para fazer face a problemas globais como o terrorismo, a proliferação de armas de destruição maciça e a degradação ambiental, num cenário internacional mais incerto e com maiores vulnerabilidades.

OS PERIGOS DA ARROGÂNCIA

No excelente livro *O Paradoxo do Poder Americano: Por Que é Que a Única Superpotência Não Pode Actuar Isoladamente*, publicado em 2002, e recentemente editado em português pela Gradiva (2005), Joseph Nye sistematiza as bases de uma política externa dos Estados Unidos no contexto da desordem internacional pós-11 de Setembro. No novo quadro marcado por conflitos assimétricos, o autor questiona orientações isolacionistas e unilateralistas, sublinhando que, ao contrário, os EUA devem alargar tanto quanto possível as suas coligações, e contribuir para reforçar as instituições internacionais. O autor não desvaloriza o papel da força que continua a ser um factor importante – tal como a retaliação pós-11 de Setembro e o Afeganistão mostraram – mas a mobilização dos outros países é essencial para fazer face à natureza das ameaças transnacionais. Em todo o caso, afirma

Nye, «nenhum país é suficientemente poderoso para resolver o problema do terrorismo global sozinho». Neste sentido, critica algumas opções da política externa de George W. Bush, enunciando em alternativa as bases de um poder americano mais aceitável e eficaz. No capítulo 3, com o título «Globalização», Nye aborda a crescente interdependência económica internacional e o advento da economia global, cujos efeitos os Estados Unidos têm assinaláveis dificuldades em gerir; em rigor, a economia global está largamente sem controlo, refere. Neste contexto, defende uma visão mais ampla do interesse nacional dos Estados Unidos, uma política que inclua mais cooperação com outros países na linha de um «interesse próprio iluminado», e não baseado em manipulação oportunística. Este tema é retomado no último capítulo no qual faz uma veemente chamada de atenção ao Governo norte-americano para que «não tente fazer tudo isoladamente», lançando um alerta oportuno de que é perigoso ignorar as preocupações do resto do mundo. Numa analogia especialmente lúcida, alerta para a perda de *soft power* por parte da União Soviética após a invasão da Checoslováquia, em 1968, apesar do seu poderio militar e económico continuar a aumentar. As políticas de imposição da URSS utilizando a força militar infligiram um golpe sério na sua própria imagem e prestígio, da qual jamais se recompôs. Do mesmo modo, os Estados Unidos não podem (nem devem) começar guerras onde lhes aprouver, sem correr o risco de alienar uma parte significativa da comunidade internacional. Nye sugere que os

efeitos políticos serão em grande medida contraproducentes.

O livro *Power in the Global Information Age* (2004), muito embora apresente um conjunto de temas recorrentes da sua obra assinados antes de 2001 – sobre o neo-realismo e neoliberalismo, a ética em política externa, a interdependência, ou a metamorfose do poder – contempla excelentes contributos sobre o pós-11 de Setembro. Nye aborda o terrorismo transnacional e os dilemas da «democratização das tecnologias» que tornaram possível aos terroristas obter uma capacidade letal de forma «barata e imediatamente disponível», através de instrumentos que até há pouco tempo eram unicamente exclusivo de alguns governos. O carácter «indiscriminado» do terrorismo e a privatização da violência configuram, no seu entender, uma mudança dramática das relações internacionais.

O conceito de *soft power* (traduzido por vezes como *poder suave*) é porém criticado por aqueles que consideram que este tipo de poder, embora útil, não garante eficácia em todas as situações e apresenta alguns limites. É um poder de tipo diplomático, na medida em que visa atingir fins estaduais por meios pacíficos. Alguns consideram mesmo que seria perigoso, perante as ameaças existentes, instituir o «receituário» de *soft power* de Nye como filosofia predominante do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, pelo que sublinham que é sobretudo na frente diplomática onde tal instrumento deve ser explorado extensivamente.

A projecção de *soft power* que Nye erige como opção fundamental dos Estados

Unidos, pode conduzir ironicamente as dinâmicas internacionais para o jogo de influências culturais ou, na versão mais dura, para um «choque» de civilizações. A eventual vantagem de tal cenário – ao invés do patamar bélico de soma nula – poderá, não obstante, residir em formas

de conflitualidade distributiva, onde a luta de interesses não desaparece mas pode ter outros «sucedâneos». O teste definitivo da credibilidade de uma grande potência liberal residirá em qualquer caso no respeito das normas democráticas, do pluralismo e da defesa das ideias justas. **RI**